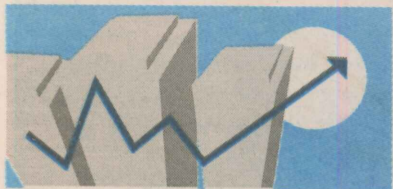


Renda maior e vida melhor

IBGE aponta melhoria na renda e qualidade de vida. Classe média do Estado sobe acima da taxa nacional



ALINE NUNES
MARCELE FALQUETO

Estudo divulgado ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontou que as famílias no Estado estão ganhando mais e vivendo melhor. Isso é resultado de uma soma de fatores, tais como aumento da escolaridade, acesso a novos bens de consumo e ampliação da oferta de serviços à população.

Na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2007, foram entrevistadas mais de 7 mil pessoas em 19 municípios do Estado que, por suas características, representam significativamente o perfil de todo o Espírito Santo.

Além de renda maior, um aspecto também observado nas famílias capixabas é que estão ficando menores. É o caso de Josiana Guidolini e Rodrigo Santos Zamperlini, ambos com 29 anos de idade e pais de Heitor, de 2. O casal aproveita a boa fase para investir na vida profissional e no futuro do filho.

“A vida agitada não permite que tenhamos mais filhos porque um bebê demanda muitos cuidados e traz muitas despesas, além dos custos do dia-a-dia. Optamos por fazer uma poupança para ele. Fazendo aos poucos, quando estiver na faculdade poderá retirar o dinheiro. Temos bons exemplos em família de como planejar o futuro”, comentou Rodrigo, que já fez especialização em sua área, Engenharia de Computação, na França.

Com base em dados da Pnad, a diretora-presidente do Instituto Jones dos Santos Neves, Ana Paula Vescovi, também destacou que a classe média do Espírito Santo cresce mais que a do País.

De 2001 a 2006, 15,8% da população passou a integrar a faixa de renda referente à classe, com rendimento familiar de R\$ 1 mil a R\$ 4.300. Na região Sudeste, esse índice foi de 10,1% e, no Brasil, de 10,5%.

“Só não podemos dizer que o Espírito Santo foi o maior do País porque não temos dados comparativos de todos os outros estados mas, certamente, nos destacamos na média nacional”, ressaltou Ana Paula.

Ela afirmou que o crescimento da classe média foi maior que o aumento da população total, para justificar que o incremento da renda foi real no Estado.



Rodrigo e Josiana aproveitam a boa fase para investir no futuro do pequeno Heitor

A classe média

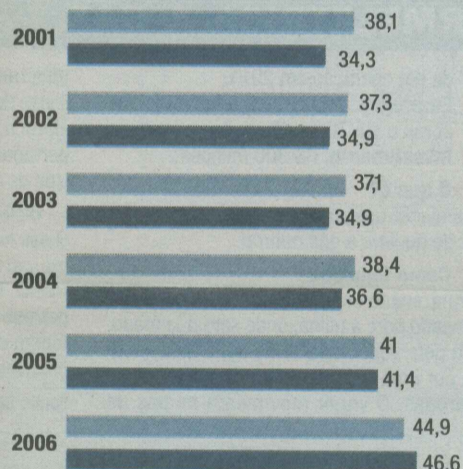
COMPARATIVO SEGUNDO A RENDA DOMICILIAR



ENTRARAM NA CLASSE MÉDIA, DESDE 2001



PERCENTUAL DE PESSOAS NA CLASSE MÉDIA SOBRE A POPULAÇÃO TOTAL



Brasileiro tem orgulho da própria cor

O brasileiro está conquistando aos poucos o orgulho de se reconhecer preto. Este é o grande destaque sobre a população nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2007, divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Houve um aumento de 0,5 ponto percentual no ano passado entre aqueles que dizem ser pretos e redução de 0,3 ponto percentual de brancos.

Com isso, a população residente do país estava composta por 49,4% de brancos, 7,4% de pretos, 42,3% de pardos e 0,8% de outras em 2007.

“Isso foi verificado em todas as regiões, exceto na região Norte, onde houve queda de 0,7 ponto percentual da população preta. Contudo, em 2006, houve crescimento expressivo daquelas que se declararam da cor preta na região Norte, atingindo um percentual de 6,2%, contra 3,8% de 2005”, explica a coordenadora de Pesquisas Domiciliares do IBGE, Márcia Quintslr.

População mais velha tem aumento

Dentre aqueles com 40 anos ou mais de idade, que são 33,2% da pirâmide etária, foi observada no ano passado taxa de crescimento de 4,2%, enquanto entre a população mais jovem, de 0 a 14 anos, que representam 25% do contingente, houve redução de 0,7% em relação a 2006.

A exceção na conta do envelhecimento é novamente a região Norte, a mais jovem do País, que concentra os maiores percentuais de pessoas de 0 a 4 anos.

Sobretudo Roraima e Amapá, onde 10,9% da população estão nesta faixa etária. Já nos estados das regiões Sudeste e Sul estão os menores percentuais de crianças com essa idade: Rio de Janeiro (5,7%), São Paulo (6,3%), Santa Catarina (6,1%) e Rio Grande do Sul (6,3%).

A pesquisa também voltou a observar que, embora nasçam mais homens, as mulheres estão vivendo mais. Na faixa etária mais jovem, de 0 a 4 anos, elas respondiam por 7,0% da população residente, enquanto eles, 7,7%.

Presidente comemora resultados

BRASÍLIA – O presidente Luiz Inácio Lula da Silva comemorou os resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2007, divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Ele apontou os dados como positivos e disse que, a partir de agora, é preciso “continuar fortalecendo essas coisas que estão dando certo”.

“Com muito orgulho eu posso dizer para vocês que melhoraram todos os indicadores sociais: melhorou a renda, o número de empregos, o crescimento da indústria e a perspectiva deste país”, disse Lula, diante dos dados da pesquisa.

Segundo ele, os dados não são positivos apenas para o governo, mas para todo o povo.

“Eu poderia dizer, olhando para todos vocês, que melhorou a auto-estima do povo brasileiro e melhorou a nossa perspectiva de futuro”, afirmou Lula pouco antes de falar sobre a crise no mercado acionário.

Expectativa de crescimento da economia

Tão importante quanto a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), o PIB é um referencial sobre o desenvolvimento do Estado. E a expectativa para o último triênio, de 2004 a 2007, é de um crescimento de 6%.

A avaliação é de Ana Paula Vescovi, diretora-presidente do Instituto Jones dos Santos Neves, com base em dados preliminares de que dispõe. Se a projeção se confirmar, num comparativo nacional, o Espírito Santo terá crescido 1,5 ponto percentual acima do País.

Mesmo diante de uma crise da economia mundial, desencadeada nos Estados Unidos, Ana Paula acredita que o Brasil e o Estado estão bem estruturados para enfrentar o problema e manter o crescimento.

“O Espírito Santo, especialmente, tem um grau de proteção razoável. Não posso dizer que estamos imunes, mas estamos bem posicionados”, frisou.

Questionada sobre o indicador da Pnad que trata sobre uma queda de 3,5% da taxa de ocupação no Estado (pessoas empregadas), Ana Paula tem uma explicação que considera acertada.

Ela argumentou que, como a pesquisa é feita em uma semana específica do mês de setembro, é possível que tenha sido numa época em que um número significativo de trabalhadores tenha saído de um grande projeto.

“A ArcelorMittal, por exemplo, fez uma ampliação. Ao acabar a obra, essas pessoas foram dispensadas e, até entrarem em outro empreendimento, ficam desocupadas. Discutindo com a equipe, acreditamos que tenha sido esse o motivo da taxa ter caído. Foi problema de um período”, avaliou.

Ana Paula acrescentou que essa é uma situação conjuntural que não se aplica aos outros indicadores, como escolaridade e tipo de domicílio que, por serem dados estruturais, não mudam de uma semana para outra.

A presidente do Instituto Jones dos Santos Neves reforça sua tese em relação à empregabilidade ao levar em conta outros dados da economia que servem de subsídio para estudos do órgão.

O Ministério do Trabalho aponta um aumento de quase 200 mil novos postos de emprego de 2002 a 2008.

“Várias outras pesquisas e até mesmo outros dados da Pnad, como aumento do consumo, indicam uma situação contrária. As pessoas estão empregadas, com renda melhor e acreditando no futuro”.